

E. P. Thompson e a micro-história: trocas historiográficas na seara da história social*

Henrique Espada Lima**

Resumo

Este artigo explora o diálogo estabelecido entre a micro-história italiana e a história social britânica através, sobretudo, do trabalho do historiador genovês, Edoardo Grendi. A relação de Grendi sobretudo com a obra de Edward Thompson, mostra que o tema da história social foi central para o desenvolvimento de alguns dos temas fundamentais da micro-história: a preocupação com a constituição dos grupos sociais, o significado cultural da ação dos grupos sociais, a agency e o problema da transformação social.

Abstract

This article explores the dialogue between the Italian “micro-history” and the British social history, mainly through the work of the genovese historian Edoardo Grendi. Specially the relationship between Grendi’s and Edward Thompson’s works shows that the questions concerning social history were a central issue in the development of fundamental themes in micro-history such as: the constitution of social groups, the cultural meaning of their action, the agency and the question of social change.

1. Em 1979, em um congresso em Roma que comemorava 50 anos dos *Annales*, Carlo Ginzburg e Carlo Poni propunham interrogar-se sobre as trocas ocorridas no “mercado historiográfico” entre a França e a Itália. Esta apresentação ficou conhecida como uma espécie de introdução aos procedimentos e questões levantados então pela micro-história na Itália (da qual tanto Ginzburg quanto Poni poderiam ser reputados praticantes) e teve o mérito de evidenciar as fortes ligações e diferenças entre a sólida tradição historiográfica francesa e aquele então jovem e promissor debate intelectual que acontecia na península. Por outro lado, esta mesma apresentação acabou por confirmar, para muitos críticos, a convicção de que a micro-história era antes de tudo uma versão subsidiária da importante “escola” francesa.

* Este artigo é uma versão modificada de um *paper* apresentado em junho de 2002 na conferência *Making Social Movements: The British Marxist Historians and the Study of Social Movements* (Edge Hill College, Ormskirk, UK).

**Professor Doutor do Departamento de História da Universidade Federal de Santa Catarina.

Essa última convicção costuma guiar boa parte das interpretações que se tem da micro-história, inclusive no Brasil. Meu objetivo neste trabalho é explorar um conjunto de trocas historiográficas menos evidente mas, no meu entendimento, muito importante para se compreender não apenas o sentido da experiência da micro-história na Itália, mas também para lançar luz sobre a efetiva contribuição que essa mesma experiência pode oferecer para a auto-reflexão que a história social como disciplina não pode deixar de fazer. Assim, o que pretendo investigar a seguir é algo das relações entre a história social inglesa – e, em especial, a obra de E.P. Thompson – e o debate em torno da micro-história, explorando-as não apenas através de suas “influências” mais ou menos diretas, mas principalmente a partir das reapropriações e críticas que ela produziu no âmbito do debate italiano.¹

2. Micro-história é um termo mais ou menos vago que vem sendo usado para descrever um corpo de discussões, nem sempre homogêneo, em torno do alcance e das possibilidades da disciplina histórica. Fora da Itália, particularmente, a micro-história foi freqüentemente considerada como uma modalidade de história cultural, relacionada de modo próximo à *histoire des mentalités* francesa. Entretanto, uma aproximação mais cuidadosa do debate mostra-nos claramente como aquele debate italiano estava fundado, em seus princípios, em uma reflexão sobre as relações entre a história e as ciências sociais, largamente influenciada pela antropologia social inglesa e os estudos de história social na Inglaterra. Na verdade, de acordo com seus próprios protagonistas, a micro-história pode mesmo ser vista como um dos caminhos adotados, na Itália, para a constituição de uma *história social* mais elaborada e mais fundamentada teoricamente (GRENDI, 1998, p. 258).

As referências intelectuais da micro-história são, naturalmente, diversificadas. Por um lado, um forte entrelaçamento com o debate intelectual italiano no pós-guerra, com referências ao marxismo de Gramsci e a herança intelectual da história ético-política. Influenciada e ao mesmo tempo em oposição a esta herança, a micro-história responde também ao forte influxo, a partir da década de 1960, da historiografia francesa dos *Annales*, a história “serial” econômica e demográfica, mas também a antropologia econômica influenciada por Karl Polanyi e sua perspectiva “substantivista”, bem como a antropologia social (e a *network analysis*) e suas discussões sobre “escala” e a tentativa de superação dos modelos estrutural-funcionalistas.² Nesse emaranhado de influências, entretanto, que lugar pode ser atribuído (se é que é possível fazê-lo), à história social inglesa?

Em primeiro lugar, não há dúvida que esta articulação aconteceu. Talvez a prova mais enfática disso esteja na publicação, em 1981, de uma antologia de artigos de Thompson como um dos volumes inaugurais da coleção *Microstorie* (Micro-histórias), a mesma coleção que abrigaria, em seguida, boa parte dos principais trabalhos publicados pelos “micro-historiadores” italianos.³ Se

quisermos entender como Thompson torna-se micro-historiador teremos que investigar de modo mais aproximado os significados dessa incorporação.

3. As pistas de importantes trocas historiográficas entre Inglaterra e Itália no campo da história social estão espalhadas em livros, revistas e trajetórias individuais. Para não nos perdermos na rede de relações que envolvem tanto a leitura britânica de Gramsci quanto a participação cruzada de historiadores italianos e britânicos em revistas tão importantes nos dois países com *Studi Storici* e *Past and Present*, podemos nos deter em alguns rastros significativos.

Carlo Ginzburg, uma das figuras mais importantes do debate de que estou falando, reconheceu há alguns anos a importância central que o trabalho de Hobsbawm exerceu sobre as suas primeiras escolhas e hipóteses para os estudos (mais tarde famosos) sobre a cultura das classes subalternas e as concepções populares sobre a feitiçaria⁴. O uso por parte de Hobsbawm e outros historiadores ingleses de categorias gramscianas de análise – como “hegemonia” e “classes subalternas” – havia produzido um efeito imediato não apenas em Ginzburg mas, paradoxalmente, em muitos historiadores italianos cuja leitura de Gramsci passou a ser fortemente influenciada pelo uso que os historiadores marxistas britânicos faziam dos conceitos interpretativos do filósofo italiano.

Outro exemplo eloqüente do forte impacto dos historiadores ingleses está na recepção dos trabalhos de E. P. Thompson na Itália. Não apenas *The Making*, que foi traduzido em 1969, mas seus artigos sobre a “cultura plebéia” na Inglaterra do século XVIII. São trabalhos que influenciaram diretamente os estudos fundamentais de micro-história, como os livros de Giovanni Levi (“A herança imaterial”), Franco Ramella (“Terra e telai”), Maurizio Gribaudi (“Mondo operario e mito operaio”) e Simona Cerutti (“Mestieri e privilegi”) (LEVI, 2000; RAMELLA, 1984; GRIBAUDI, 1987; CERUTTI, 1992).

Seria difícil, no espaço de um artigo, explorar cuidadosamente os múltiplos fios que ligam as experiências britânica e italiana no campo da história social. Meus objetivos aqui deverão ser necessariamente mais modestos. Em parte por sugestão da própria abordagem micro-histórica, eu escolhi abordar o problema exposto no início através de – na falta de uma palavra melhor – um estudo-de-caso. Tentarei explorar de um modo mais aproximado as influências e trocas historiográficas (de resto desiguais) que levaram a propor, nos princípios do debate da micro-história na Itália, a proposta teórica e metodológica de uma **microanálise histórica do social**. Para cumprir esse objetivo, partirei do trabalho de Edoardo Grendi,⁵ responsável por algumas das escassas e importantes discussões programáticas sobre a microanálise social na Itália a partir dos anos 1970.

4. Os primeiros contatos de Grendi com a história social britânica remontam aos seus estudos na **London School of Economics** e suas pesquisas de doutorado sobre a história do socialismo na Inglaterra, entre 1958 e 1960. Sob a orientação de Ralph Miliband, Grendi estudou o trabalhismo, bem como o movimento operário e as várias tradições socialistas na Inglaterra entre os séculos XIX e XX.⁶

O interesse pela história “from below” estava presente em suas leituras e o aproximaram dos estudos de história social inspirados pelo marxismo (do qual, aliás, ele sempre foi teoricamente distante), conduzidos naqueles mesmos anos. Sua escolha pela história social, entretanto, era atravessada por um forte interesse pela história local e urbana, assim como por questões ligadas à demografia, os estudos sobre a estratificação social e o *social change* (ambos de inspiração sociológica).⁷

5. A história social inglesa estava alcançando, durante os anos sessenta, alguns dos seus resultados mais consistentes. As discussões de Grendi mostravam uma forte atenção crítica sobre eles, demonstrada em várias resenhas e em coletâneas organizadas por ele entre os anos 60 e 70. Um exemplo particularmente importante nesse sentido é o livro de Thompson, tornado um dos “clássicos” dessa historiografia: *The Making of the English Working Class* (1963). Quando traduzido para o italiano, em 1969, Grendi publicou uma resenha na *Rivista Storica Italiana* (GRENDI, 1970). Seu julgamento sobre o livro nos permite entender melhor os critérios a partir dos quais conduzia suas leituras em história social.

Em primeiro lugar, o livro de Thompson não era resenhado sozinho. O estudo de John F.C. Harrison sobre a tradição do “socialismo utópico” de Robert Owen na Inglaterra e nos Estados Unidos (HARRISON, 1969) – um livro com objetivos mais modestos do que o amplo estudo de Thompson – era também objeto de discussão. E precisamente nessa diferença de intenção e alcance estava a primeira razão da crítica de Grendi, que preferia o primeiro – atento às especificidades de seu objeto – ao segundo.

O livro de Thompson era criticado por sua recusa em analisar a classe trabalhadora inglesa através dos seus números. Estava ausente em *The Making* toda aquela problemática – central, por outro lado, na discussão francesa, por exemplo – sobre a estratificação social, sobre a caracterização propriamente sociológica da classe. Algo impensável para alguém que, como Grendi, considerava a demografia “o fundamento, a pedra de fundação da história social” (GRENDI & BIANCO, 1970). No julgamento de Grendi, a ênfase dada pelo autor de *The Making* ao momento político em detrimento da composição social concreta da classe terminava por comprometer o objetivo geral de estabelecer as características constitutivas da classe a partir do seu verdadeiro contexto relacional. A abordagem da “cultura” de classe se daria com a mesma imprecisão, enfatizando as “leituras e ideologias” em detrimento daquela noção antropológica da cultura definida como “uma qualidade das relações humanas ativas”. Na crítica de Grendi, a “economia moral” das classes trabalhadoras, tal como considerada por Thompson no livro, não era “um ‘cimento’ de solidariedade e reciprocidade, mas uma ‘economia política socialista’” (GRENDI, 1970, p. 985).

Grendi via no livro em *The Making* uma tendência à generalização fácil – onde “fenômenos sociais locais” eram tratados como “símbolos de um processo

**E P. THOMPSON E A MICRO-HISTÓRIA:
TROCAS HISTORIOGRÁFICAS NA SEARA DA HISTÓRIA SOCIAL**

nacional” – agravada pela falta de uma “consistente técnica historiográfica”. O tratamento das particularidades locais lhe parecia particularmente grave: Thompson na verdade reconhecia a “diversidade de sociedades e ‘culturas’ locais”, mas não era capaz de integrá-las no quadro geral de modo convincente. Em suas palavras: “Thompson, recusando a considerar objetivamente a classe, a ‘verificá-la’ de acordo com definições e tentativas de quantificação, não oferece nenhuma resposta, e seu salto desde as ‘culturas’ necessariamente locais à ‘classe operária inglesa’ resulta, – de acordo com Grendi – realmente grosseiro demais.” “A identificação da classe com a consciência de classe e com a cultura política é já problemática”, continuava, mas a “passagem inversa das ‘culturas’ políticas à consciência de classe, à classe, parece francamente artificial” (GRENDI, 1970, p. 987).

The Making trazia elementos inovadores, mas era incapaz de “empenhar a mente” ou “seduzir a inteligência”. O livro de Harrison, entretanto, era “legível e estimulante”, com uma “abordagem moderna” e “muito bem conduzido”. Tudo isso era traduzido em um julgamento rigoroso: “O sucesso e as discussões suscitadas pelo livro de Thompson”, dizia Grendi, “demonstram apenas o quanto a historiografia moderna tenha deixado de lado os estudos dos fenômenos de transformação social que, [...] Thompson se limita a reivindicar, não a desenvolver ilustrativamente. Creio que na história da cultura historiográfica seja este o significado do livro de E.P. Thompson” (GRENDI, 1970, p. 990).

Um juízo certamente duro demais com o livro de Thompson, mais significativo ainda na medida em que se tratava de um trabalho que fora largamente reconhecido como uma “radical experiência a partir de baixo”. É um fato que, a despeito da sua tradução relativamente rápida, *The Making* não teve uma grande repercussão na Itália; mas as razões do dissenso de Grendi não são reflexo de um humor geral dos estudiosos italianos do movimento operário com relação ao historiador inglês (do qual, de resto, Grendi dificilmente seria um representante típico). Suas críticas são, entretanto, reveladoras, na medida em que apontam, por contraste, o quadro a partir do qual ele mesmo pensava a história do movimento operário e a história social como um todo. O julgamento de Grendi sobre o livro de Thompson se manteve praticamente inalterado ao longo dos anos⁸. É a experiência posterior do historiador, seus trabalhos sobre a cultura plebéia do século XVIII, sobretudo *Whigs and Hunters* e aqueles artigos que seriam publicados mais tarde em *Customs in Common*, que iriam interessá-lo de fato (GRENDI, 1994, p. 235). As múltiplas analogias entre o trabalho mais “maduro” de Thompson e as próprias pesquisas e indagações historiográficas de Grendi nos permitirão entender melhor as fronteiras fluidas que ligavam seus trabalhos dentro do contexto das articulações e trocas historiográficas que estou explorando.

6. Nos primeiros anos da década de 1970, Grendi se dedicou a discutir suas perspectivas sobre história social em textos que esclarecem o sentido de suas aproximações e dissensos com relação à historiografia sobre a experiência dos trabalhadores (incluída aí a radical experiência inglesa).

Grendi era um dos protagonistas de um importante debate que estava apenas iniciando no contexto italiano, sobre o significado da história social e do movimento operário. Suas investigações, entretanto, podem ser lidas como um diálogo com as perspectivas elaboradas pela história social inglesa, especialmente os argumentos de Edward Thompson sobre as relações entre a história e tradição teórica marxista.⁹

Diferente de Thompson – acredito que é preciso dizer de saída – Grendi não é um historiador marxista. Sua insatisfação com o quadro analítico do marxismo e seus conceitos centrais de análise, bem como o teleologismo contido em ambos está claramente demonstrada em cada discussão que propõe. Entretanto, e isso é talvez o que torna se confronto com Thompson particularmente interessante, Grendi está inteiramente enredado em debates historiográficos e teóricos que são marcados pelos parâmetros de análise herdados do marxismo: o significado da ação política dos trabalhadores e grupos subalternos, a constituição da sociedade contemporânea, a definição de seus sujeitos políticos, os sentidos e possibilidades de sua transformação. Assim, a discussão com uma historiografia marcada pelo marxismo, especialmente em se tratando do debate inglês, é incontornável: uma discussão que vai marcar o seu trabalho e que se constrói também nos confrontos e dissensos.

O que há em comum entre Grendi e Thompson é o estudo das classes trabalhadoras através de seus processos históricos, seu fazer-se. Não o proletariado entendido como coisa, como fórmula estática, mas a “proletarização”¹⁰ como um processo histórico largamente indeterminado e marcado pela ação humana. Nos dois historiadores há a suspeita contra o uso “essencialista” dos conceitos analíticos. O historiador italiano, entretanto, distancia-se nitidamente dos conceitos e categorias marxistas. Nas palavras de Grendi em 1972:

[...]: classe operária, consciência de classe, movimento operário. Não se trata de uma lógica de concatenação: formação da classe – maturação de uma consciência de classe – movimento político da classe para o poder. Trata-se sim de *termos críticos, decididamente inadequados como parâmetros analíticos para a história das classes trabalhadoras da sociedade industrial*. De onde vem então o seu sucesso? Certamente da ideologia corrente, com aquilo que é típico da contribuição ideológica, que constitui portanto uma primeira tentativa de interpretação. [...] Historiografia política e historiografia militante. Digamos também historiografia idealista que sacrifica a análise e o trabalho severo por uma preocupação pelos ‘significados’ macro-históricos. (GRENDI, 1972, p. 172, grifo meu)

A interrogação central de Grendi permanecia a *mudança social*: as características da transformação social e política que vem a tona com o advento da sociedade industrial, e os mecanismos e processos que operaram e dirigiram aquelas

**E P. THOMPSON E A MICRO-HISTÓRIA:
TROCAS HISTORIOGRÁFICAS NA SEARA DA HISTÓRIA SOCIAL**

transformações, assim como o significado das lutas dos trabalhadores dentro deste horizonte. Nessa perspectiva, a compreensão da transformação implicava colocar as novas configurações dentro do quadro das experiências históricas do passado: não apenas os predecessores diretos das novas formas, mas todo o universo das experiências possíveis. A análise histórica, segundo Grendi, deveria tentar entender a transformação a partir do ponto de vista das mudanças que aconteceram no campo das relações sociais, assim como seus significados culturais.

Para Grendi, as lutas dos trabalhadores faziam sentido como uma defesa dos valores éticos e culturais que são desafiados pela ascensão da sociedade de Mercado. Esta perspectiva – na falta de termo melhor – “culturalista” referia-se, por um lado, à considerações antropológicas, e, por outro, era muito próxima aos termos que a história social inglesa estava colocando em jogo.

Os exemplos são vários: o trabalho de Hobsbawm sobre o “ludismo” era certamente uma referência garantida.¹¹ Mesmo que não explicitamente, o mesmo era válido para o argumento da importância da “economia moral” levantado por Thompson. Em ambos os casos – assim como para Grendi – as sugestões da antropologia social serviam como um catalisador para as análises, propondo abordagens e temáticas de pesquisa.

Em termos freqüentemente ambíguos, o tema do encontro entre história e antropologia era corrente na historiografia dos anos 70. Mas, no campo da história social, esse tema “da moda” havia sido, de todo modo, antecipado por alguns dos trabalhos de Hobsbawm nos anos 50. Seus interesses sobre as lutas e protestos dos trabalhadores “pré-industriais”, assim como o que ele chamava de formas “arcaicas” de luta social nas sociedades camponesas mediterrâneas e da América Latina são exemplo disso¹². Inspirado de muitos modos pelas leituras de Gramsci, Hobsbawm escreveu sobre sociedades e povos que “não tendo nascido em um mundo capitalista, tiveram entretanto que lidar com o problema de adaptar-se a ele” (KAYE, 1995, p. 147).

O encontro de Grendi com a antropologia social acontece naqueles mesmos anos. Na verdade, essa estava, desde o início, entre as suas “aquisições” durante seu período na Inglaterra. Estudar na *London School of Economics* no fim dos anos cinquenta havia significado entrar em contato com uma das instituições mais importantes dentro do contexto das ciências sociais inglesas, onde a antropologia tinha um lugar especial.

A antropologia social articulava-se, nas pesquisas de Grendi, à antropologia econômica, objeto de outra coletânea de textos organizada e publicada por ele em 1972: ambas foram fundamentais para a construção de uma proposta “microanalítica”.

7. Em um curso universitário, ministrado e publicado entre 1970 e 1971, sobre a história do pensamento econômico, Grendi comparava as duas interpretações que lhe pareciam heurísticamente mais importantes sobre a origem do capitalismo: a de Karl Marx e a de Karl Polanyi.

Sobre Marx, seu julgamento era expresso nas primeiras linhas:

Dois aspectos do pensamento e da obra de Marx são particularmente ‘modernos’ e importantes: o coerente historicismo que considera o capitalismo como um modo de produção contingente – isto é, emerso no curso do desenvolvimento histórico e objeto de transformação – e a proposta da economia política como anatomia da sociedade civil, modelo, portanto, de análise “total” onde “a teoria econômica é convertida em análise histórica e a exposição da história em história racionalmente encadeada”. Estes dois pontos fundam, como é fácil ver, uma concepção qualitativa do sistema social, qualidade que deriva claramente da análise da sua “estrutura” e da procura das suas origens (GRENDI, 1971, p. 3).

Apesar da sua “escatologia”, a perspectiva de Marx colocava a contingência em um lugar central: a sociedade capitalista era produto de uma história e não o resultado necessário e natural do desenvolvimento da sociedade. As formulações de Marx sobre a emergência do modo de produção capitalista eram construídas sobre o “clássico” modelo inglês e pensadas para a realidade da economia da Europa ocidental: isso explicaria em parte, para Grendi, “o caráter teleológico” que a sua exposição da história assumia, mas não comportava necessariamente “a inelutabilidade do destino capitalista para todas as sociedades econômicas”, nem a “universalidade das categorias explicativas do capitalismo” para o estudo de qualquer sociedade (GRENDI, 1971, p. 17 e 19). O marxismo – na análise de Grendi – era mantido no horizonte das possibilidades heurísticas, mas a uma distância crítica sempre bastante marcada. Por outro lado, a interpretação de Polanyi, exposta em *A Grande Transformação* (POLANYI, 1957) tinha em comum com a de Marx sua ênfase no caráter contingente do capitalismo. Assim como para Marx, a história inglesa fornecia a matéria-prima para as discussões de Polanyi. Suas concepções teóricas, entretanto, eram muito diferentes: a “sociologia clássica e a antropologia aplicada” tomando, para o segundo, o lugar ocupado pela “filosofia e a economia clássicas” para o primeiro. De acordo com Grendi, o tópico chave desenvolvido na parte central de “A grande transformação” era:

uma apaixonada crítica não da sociedade industrial, mas da economia e da sociedade de mercado. A tese central é clara [...]: a economia de mercado, isto é, do sistema econômico no qual o mercado constitui o supremo mecanismo regulador, representa uma utopia anti-social imposta com a violência que subordina a própria sociedade ao mercado; mas o corpo social se defende criando os institutos necessários e acaba por sair vitorioso; mas o seu êxito é uma situação de crise profunda e dramática da própria sociedade. Isto é suficiente para esclarecer que Polanyi não é um revolucionário no sentido em que era Marx, cuja dialética lhe é profundamente estranha, voltado como é a considerar a sociedade como um ‘inteiro-total’ cuja crise ou o nascimento são diagnosticados nos termos analíticos do ‘social change’ e não da revolução (GRENDI, 1971, p. 22).

Grendi mostrou em várias oportunidades uma concordância substancial com a leitura de Polanyi sobre o significado cultural e social da imposição de uma sociedade de mercado. A interpretação de Polanyi referia-se diretamente a um pensador inglês que esteve no centro das discussões de Grendi sobre as origens do

movimento operário inglês: Robert Owen¹³. Podemos partir deste interesse comum para explorar a aproximação que se estabelecia entre o historiador italiano e o pensamento do autor de “A grande transformação”.

Para Polanyi havia sido Owen, e não Marx, a entender o significado profundo da implantação da “utopia anti-social” do mercado e o impacto produzido por ela sobre a sociedade inglesa (e em especial, os trabalhadores). O tributo pago por Marx à economia política (em especial a David Ricardo) o fez colocar em primeiro lugar as relações econômicas, e ver estas transformações em termos econômicos. Por outro lado, para Owen (e para Polanyi), a economia não era a principal força explicativa do que acontecera, e ela própria só poderia ser compreendida em relação aos aspectos **sociais** que estavam em jogo. A tragédia era antes de tudo social e cultural. Nas palavras de Polanyi:

[Owen] entendia o fato de que aquilo que parecia primariamente como um problema econômico era essencialmente social. Em termos econômicos, o trabalhador era certamente explorado: ele não recebia o que lhe era devido. Mas, embora importante, isso estava longe de ser tudo que importava. Apesar da exploração, ele poderia estar financeiramente melhor do que antes. Mas um princípio muito desfavorável para a felicidade individual e geral estava acabando com o seu ambiente social, sua vizinhança, sua posição na comunidade, seu ofício; em poucas palavras, com aquelas relações com a natureza e o homem dentro das quais sua existência econômica estava formalmente encapsulada. A Revolução Industrial estava causando um deslocamento social de estupendas proporções, e o problema da pobreza era apenas o aspecto econômico deste evento. (POLANYI, 1957, p. 129)

A atenção de Grendi às conclusões de Polanyi não se justificava apenas pelo seu caráter “anti-economicista”, mas principalmente pelo alcance “antropológico” presente na sua argumentação. A “novidade” que representava encontrar em um trabalho sobre a Inglaterra do século XIX (como era *A grande transformação*) um número expressivo de citações de antropólogos – como B. Malinowski, R.C. Thurnwald, R. Firth – não escapava a Grendi (GRENDI, 1971, p. 85).

É significativa, nesse sentido, a comparação que Polanyi estabelecia entre a experiência das tribos africanas – que ele recolhia na antropologia inglesa dos anos trinta e quarenta – e aquela das *poorer classes* inglesas do início do Oitocentos, “os nativos destribilizados e degradados do seu tempo” (POLANYI, 1957, p. 290).¹⁴

O confronto entre diferentes culturas (os brancos no caso africano, a utopia do mercado auto-regulador no segundo caso) era o elemento central da comparação. O contato cultural destrutivo produzia um fenômeno cujo caráter principal não era de natureza econômica, mas social.

Quando de *The Great Transformation* é traduzido pela primeira vez em italiano, Grendi publica uma resenha na *Rivista Storica Italiana*. Tentando re-representar ao leitor o sentido que o livro de Polanyi ainda possuía – depois dos mais de trinta anos que o separavam da sua edição original – Grendi enfatizava a atualidade da sua aproximação com a antropologia e a sua conseqüente crítica ao etnocentrismo: “[...] a valorização das ‘civilizações diversas’ é o princípio de uma crítica radical da nossa civilização, uma subversão dos seus presumidos

‘fundamentos naturais’, sobre os quais se fundou a economia política, o verdadeiro *vilain de la pièce*. Complementar ao assunto é igualmente a redescoberta [...] de Owen e do seu gênio solitário. Deste modo, o autor reencontra no estudo das sociedades primitivas e no assim chamado ‘socialismo utópico’ a inspiração fundamental necessária para conquistar a ‘distância’ do drama da sociedade presente” (GRENDI, 1976, p. 629).

A necessidade, afirmada por Grendi, de “tomar distância” da sociedade presente era coerente com a crítica à aplicação direta dos conceitos “modernos” da sociedade industrial para aquelas realidades históricas que lhe eram estranhas. Afinal, o pecado do etnocentrismo na historiografia é também chamado de anacronismo – a tentação de encontrar no passado (o outro) o reflexo de si. Se o estudo da estrutura da sociedade burguesa “revelava” categorias capazes de abordá-la, para Grendi era discutível que se intuisse a universalidade ou a adequação destas mesmas categorias para a compreensão de outras sociedades: isso era igualmente válido para as sociedades européias anteriores ao surgimento da moderna sociedade burguesa (GRENDI, 1971, p. 98).

Daí a conseqüente referência a Owen e às sociedades não-européias estudadas pela antropologia. Para entender o sentido das propostas de Owen era preciso devolvê-lo ao universo cultural e ético da sociedade inglesa tal como era estruturada antes da ascensão da sociedade de mercado: seu “socialismo utópico” – cuja tradição era considerada por Grendi a mais influente na história do socialismo inglês (GRENDI & BIANCO, 1970, p. ciii-civ) – traduzia a tentativa de defesa dos modos de existir e de organizar a vida (sua ética ou sua “economia moral”) de uma sociedade que era desagregada pela imposição da sociedade de mercado. Se a compreensão das origens do movimento operário passava necessariamente por um reencontro com a sociedade pré-industrial, para a qual as categorias da sociedade burguesa eram insuficientes, era preciso encontrar outros instrumentos e outras categorias para enfrentar esse objetivo. Para Grendi, o trabalho de Polanyi mostrava que o sucesso no entendimento da sociedade pré-industrial dependia da possibilidade de compreendê-la a partir dos seus próprios termos, de sua alteridade. A antropologia – a disciplina que, por excelência, coloca a alteridade como o seu objeto de estudo – oferecia as possibilidades mais proveitosas de diálogo.

Os termos de sua análise eram claros: o estudo das sociedades não-européias (não-industriais e não-capitalistas) trazia analogias evidentes com o estudo das sociedades da Europa de Antigo Regime. Pensadas a partir da ótica das comunidades e dos povoados, ambas se caracterizavam pelo fato de terem suas economias fortemente baseadas na agricultura.¹⁵ Assim, se a antropologia estudava o mundo camponês do subdesenvolvimento, ela poderia – analogicamente – lançar luz sobre as sociedades camponesas do passado.¹⁶

A explicação da economia agrária era de todo modo a grande insuficiência da teoria econômica. A antropologia, por outro lado, havia sido a disciplina que mais direcionou sua atenção para este mesmo mundo. Essa havia sido a razão pela

qual Polanyi foi buscar subsídios nessa disciplina para a sua crítica à “utopia anti-social” da sociedade de mercado. A perspectiva de Polanyi havia interessado especificamente a Grendi na medida em que permitia desnaturalizar o “mercado” (considerado como uma forma histórica) como elemento explicativo de qualquer sociedade. Desse modo ele abria o caminho para o interesse pelas sociedades de “não-mercado” a partir delas mesmas, isto é, das situações concretas que as constituíam. A perspectiva “substantivista” de Polanyi, inspirada na antropologia, voltava-se então para o concreto das relações econômicas, afastando-se das abstrações da teoria econômica (GRENDI, 1972a, p. xxix).

8. A idéia de “microanálise” como uma proposta de pesquisa para a história social se materializa paulatinamente nos trabalhos de Grendi durante os anos 70. Em 77 sai o artigo que costuma ser encarado como ponto de partida efetivo do debate sobre a micro-história na Itália: *Microanálise e história social* na revista *Quaderni Storici* (GRENDI, 1977). No ano seguinte, um livro analisando as perspectivas econômicas de Polanyi, intitulado, significativamente: *Polanyi, da antropologia econômica à microanálise histórica* (GRENDI, 1978).

Aqui, todos os elementos da proposta estavam presentes: a articulação entre a antropologia econômica e a história social, tendo como ponto de partida a intuição original do pensador húngaro.

Para Grendi, o valor heurístico da proposta de Polanyi – tema do livro – estava em primeiro lugar nos caminhos abertos, as sugestões de pesquisa que o seu trabalho possibilitava. O modelo geral de mudança proposto em *A grande transformação* era apontado, no entanto, como o maior problema do livro. Polanyi havia construído um mecanismo onde havia duas forças antagônicas em jogo: por um lado a economia de mercado que impunha a idéia de um mercado auto-regulado e que tinha como principal “instrumento conceitual” a economia política;¹⁷ do outro lado, a reação defensiva da sociedade. A tensão entre estas duas forças era o motor para a mudança que explicava “as origens políticas e econômicas do nosso tempo” (subtítulo do livro de Polanyi). Neste modelo quase mecânico (“morfológico institucional”), Grendi reconhecia o maior limite de Polanyi, sua “epistemologia mecanicista” que era incapaz de articular de fato um modelo explicativo para a dinâmica histórica (GRENDI, 1976, p. 637).

Essa avaliação geral não impedia que Grendi enxergasse perspectivas teóricas novas abertas por Polanyi (mas não resolvidas por ele). Na sua avaliação, era preciso avançar no caminho da aproximação entre história e antropologia, atualizando seus termos. A ponte que Polanyi havia estendido entre a compreensão das sociedades ditas “etnológicas” e aquelas chamadas “históricas” não havia sido de fato atravessada: a proposta de uma microanálise histórica se propunha, no juízo de Grendi, a fazer exatamente isto.¹⁸

Para além de *A grande transformação*, também os trabalhos posteriores de Polanyi e de sua equipe, sobre as sociedades antigas e, principalmente, sobre o Daomé dos séculos XVII e XVIII interessavam a Grendi de um modo especial¹⁹.

São pesquisas onde Polanyi operava como historiador, ao mesmo tempo em que confrontava os dados da antropologia – “os princípios e comportamentos humanos na realidade social” – com as categorias etnocêntricas da teoria econômica. Mas Polanyi não havia utilizado todos os recursos disponíveis da antropologia na realização de seu projeto: a abordagem microanalítica era um deles e constituía, na perspectiva sustentada por Grendi, o terreno privilegiado sobre o qual as perspectivas histórica e antropológica poderiam de fato convergir. Isso estava explícito na sua introdução ao livro:

É este o sentido dos desenvolvimentos que se tenta dar aqui às posições de Polanyi: a proposta de uma radical perspectiva indutiva passível de organização nos termos de uma estratégia de pesquisa que se ponha pacientemente a reconstruir os nexos interpessoais e dinâmicos entre indivíduos, famílias, comunidades, e sociedade mais ampla, dedicando uma particular atenção às relações, capitais, de intermediação. Trata-se de um caminho fortemente estimulado e condicionado (pelo uso de categorias ou esquemas generalizadores) pelo trabalho antropológico.

Na raiz está portanto uma concepção diversa dos processos sociais: não o produto anônimo do confronto “objetivo” de oferta e demanda, mas o fruto do jogo complexo e articulado de confrontos e mediações sempre caracteristicamente personalizados e nesse sentido traduzíveis em termos de “cultura” (GRENDI, 1978 p. 2).

O objetivo era então o de “radicalizar” Polanyi, aprofundando seu diálogo com a antropologia. Essa apropriação da “intuição” de Polanyi na direção da microanálise (uma perspectiva que, de resto, era indiferente ao autor húngaro) era certamente mediada, no caso de Grendi, pelas discussões em torno da história social e pela antropologia social posterior a Polanyi que operava, na Inglaterra, a crítica aos limites dos modelos estrutural-funcionalistas.

Para entendermos melhor essa passagem, gostaria de me voltar para aqueles momentos encontrados por Grendi em sua leitura de Polanyi e que lhe sugerem o percurso a seguir. Em primeiro lugar, a interpretação de Polanyi sobre a sociedade de mercado construía-se sobre algumas questões históricas importantes. A primeira delas era a origem do mercado.

Historicamente, o mercado não era uma instituição necessária, nem universal. Em *Trade and Market in the Early Empires* (POLANYI; ARENSBERG & PEARSON, 1957), Polanyi e seus colaboradores haviam mostrado a existência de complexas instâncias da economia em vários dos grandes impérios da Antiguidade onde – apesar da amplidão geográfica envolvida e da conseqüente complexidade administrativa – a instituição do mercado muitas vezes nunca chegou a existir, como na Babilônia de Hammurabi, ou onde era fortemente controlada pela autoridade, como no comércio administrativo (*port of trade*) praticado na Grécia antiga (onde os preços praticados não eram livres, mas determinados politicamente). De acordo com a interpretação de Polanyi, o mercado ocupava uma posição decididamente marginal nas sociedades antigas. Essa era, obviamente, uma posição que contrariava frontalmente a interpretação da economia clássica que, anacronicamente, enxergava nas grandes civilizações mercantis greco-orientais os

antepassados ilustres (e lógicos) do mercado auto-regulador das sociedades contemporâneas. Na proposta de Polanyi, deslocava-se a atenção do estudo da *qualidade* da economia para o estudo do *funcionamento* das instituições (GRENDI, 1978a, p. 262-263).

A sociedade européia do *Antigo Regime* era, por outro lado, claramente *mercantil*, onde o comércio de longa distância tinha um lugar fundamental. Uma sociedade mercantil, mas não uma sociedade *de mercado*: mesmo ali – antes do aparecimento da industrialização – a lógica da barganha, a lógica do mercado, funcionava apenas nas relações comerciais externas e não constituíam a lógica econômica (interna) da sociedade. Outras lógicas, distintas daquela do jogo da oferta e da procura, operavam em sua organização econômica e social. A desagregação desta sociedade estava ligada à transformação desta lógica econômica: o fator decisivo foi o nascimento da máquina e da indústria. A introdução desta “novidade produtiva” em uma sociedade mercantil acabava por implicar a “subordinação do comércio à produção e a conseqüente mercantilização, em escala mundial” não apenas dos produtos, mas “da terra, do trabalho e da moeda” cuja “substância” escapava à lógica da mercadoria (GRENDI, 1976, p. 632). A extensão da lógica do mercado a estas instâncias da sociedade havia sido central para sua desarticulação.

A compreensão deste fenômeno estava na origem da lógica elaborada por Polanyi para classificar as diversas sociedades a partir do lugar ocupado pela economia em cada uma delas. O parâmetro central desta classificação estava na constatação que, nas economias “arcaicas” e “primitivas” (e do mesmo modo aquelas da Europa pré-industrial), a economia era “encapsulada” (*embedded*) pela sociedade, ou seja, não era constituída como uma instância autônoma, mas fundamentalmente dependente do conjunto das relações sociais. Com o advento da sociedade de mercado, com a mercantilização progressiva da terra, do dinheiro e do trabalho (e a extensão da lógica do mercado às relações sociais), assim como a conseqüente desagregação dos equilíbrios comunitários, a economia era sistematicamente “desencapsulada” (*disembedded*) da sociedade, na medida em que aquela não respondia mais às regras das relações sociais (as leis humanas), mas às “leis naturais” do mercado.

Esse par de conceitos – encapsulado/desencapsulado (*embedded/disembedded*) – utilizados para “classificar” as economias, apesar da sua “cruza terminológica”, iluminavam – no julgamento de Grendi – aspectos fundamentais da organização social das sociedades pré-industriais, que eram o interesse principal de sua leitura de Polanyi. Em primeiro lugar, se as relações econômicas não eram comandadas pelo princípio da maximização, era preciso se interrogar sobre os parâmetros que dirigiam as relações econômicas destas sociedades.

A análise das sociedades não-capitalistas produzia assim novas categorias de análise: reciprocidade, redistribuição ou domesticidade eram conceitos que iluminavam a compreensão da lógica das trocas econômicas em sociedades que não

eram governadas pela lógica do mercado. Segundo o juízo de Grendi, a abordagem substantivista de Polanyi fundava deste modo os comportamentos econômicos sobre as “interações ou relações sociais”. A perspectiva “comparativista” de Polanyi se voltava antes de tudo para as formas econômicas (trocas, fluxos de bens) e enfatizava as características “integrativas” que estas apresentavam. Mas Polanyi também acabava por sobrevalorizar, na avaliação de Grendi, os caracteres de estabilidade das sociedades estudadas, deixando de lado elementos importantes de análise, como as assimetrias e desequilíbrios que estavam presentes nos sistemas.²⁰ Reconhecidos os limites das análises do pensador húngaro, o tributo pago por ele aos modelos estrutural-funcionalistas, restava levar adiante os caminhos originais que apontava, buscando na antropologia outros instrumentos e perspectivas que Polanyi não quis, ou não conseguiu, incorporar nas suas investigações.

Esse é o sentido das discussões de Grendi sobre outras questões antropológicas: os temas da troca e da transação, da escala e dos modelos dinâmicos (gerativos) da ação social.²¹

O sentido da “troca”, no âmbito da antropologia, era central sobretudo na análise da estruturação da sociedade. A própria interação entre as pessoas poderia ser lida em termos de trocas: “troca de bens, materiais e imateriais, isto é, como *transação*” (GRENDI, 1978 p. 61). Se a estrutura social se constrói sobre a regularidade das relações sociais (e portanto sobre a interação entre indivíduos e grupos) a análise micro-sociológica destas relações é a contribuição principal da abordagem antropológica para o estudo de qualquer sociedade no tempo

Em economias encapsuladas (*embedded*), como eram aquelas das sociedades européias de *Ancien Régime*, e onde o papel integrativo chave exercido pela distribuição e pela troca passava necessariamente pela relação entre as famílias e a comunidade, a orientação da análise parecia para Grendi bastante evidente: “desde o ‘micro’ da unidade doméstica ao ‘macro’ da sociedade mais ampla, através da comunidade entendida como forma de agregação sócio-espacial intermediária, assimilável a modelos morfológicos diversos” (GRENDI, 1978, p. 95).

9. Na microanálise proposta por Grendi, **espaço** e **escala** eram temas de fundamental importância. Da família à comunidade e desta às formas agregativas mais amplas. A interrogação sobre as “formas de integração” entre as diferentes esferas torna-se central na análise. As relações entre as unidades produtivas ligavam-se às trocas e aos fluxos de bens dentro da comunidade: trocas verticais e horizontais, interações que “exprimiam fundamentalmente uma série de relações interpessoais mais ou menos institucionalizadas” e que poderiam, portanto, ser cartografadas” (GRENDI, 1978, p. 122).

Se as relações econômicas são integrativas, ligando a economia doméstica à economia da comunidade e a partir daí a instâncias mais amplas e à sociedade global, é possível cartografar estas formas e os seus protagonistas. Pensar as formas de integração significava portanto pensar a forma pela qual se trama o tecido social.²²

As relações sociais e econômicas deveriam ser pensadas antes de tudo como relações interpessoais. Do ponto de vista de história social, a microanálise dessas relações para compreender o processo real da estruturação social e suas formas de integração era muito coerente com essa consideração geral.

No julgamento de Grendi, a analogia entre a microanálise histórica e a pesquisa de campo da antropologia era central na realização prática desta proposta. É possível se estabelecer uma ponte entre a lógica da pesquisa de campo e a cartografia da documentação. Como o *fieldwork* – a verificação direta, *in loco* do cotidiano e das relações correntes em uma dada comunidade – é vedado aos historiadores da Europa camponesa da Idade Moderna, a idéia é transferir a sua lógica “holística” para o universo de fontes disponível: daí o sentido de cruzar sistematicamente a documentação que testemunhava indiretamente as relações sociais e as transações nestas sociedades – as fontes da demografia e da economia, como registros paroquiais, atos notariais, cadastros, censos, processos jurídicos, etc. Documentos indiretos, como se disse, e muitas vezes excepcionais, mas mesmo esta excepcionalidade deveria ser colocada a serviço da compreensão do cotidiano “normal” das relações correntes.²³ No julgamento de Grendi, o levantamento e cruzamento sistemático destes registros em um espaço delimitável de inter-relações sociais – uma comunidade ou povoado – permitiria, analogicamente, um acesso tão eficaz e uma possibilidade de análise tão concreta quanto aquela permitida pela antropologia em seus estudos.

10. Aqui gostaria de retornar com mais elementos ao que me propus fazer no início desta apresentação: pensar sobre o que revelam as aproximações e distâncias entre a proposta de microanálise social contida nos trabalhos de Grendi e a obra histórica de Thompson.

Como vimos, o interesse pela história social inglesa e pelo trabalho de Thompson atravessa grande parte das reflexões historiográficas de Grendi desde os anos sessenta. A edição de uma coletânea com os artigos de Thompson como um dos volumes inaugurais da coleção “Microstorie” (Micro-histórias) parece, entretanto, mais do que sinal de um interesse difuso, como uma verdadeira reivindicação intelectual. Era ao mesmo tempo o reconhecimento de uma intensa analogia no campo dos procedimentos de pesquisa, assim como na própria concepção de história.

A coletânea intitulava-se *Sociedade Patrícia, Cultura Plebéia – Oito ensaios de antropologia história sobre a Inglaterra do século XVIII*.²⁴ Na introdução ao volume, Grendi fazia um estudo atento da trajetória intelectual de Thompson, articulando tanto suas posições políticas quanto suas reflexões historiográficas.

Em seu perfil de Thompson, encontramos mais uma vez as mesmas afirmações críticas encontradas anos antes, assim como a clara distância tomada por ele por algumas das questões caras ao historiador inglês, como sua adesão aos conceitos marxistas – como “classe” e “consciência de classe” – julgados esquemáticos e teleológicos pelo historiador italiano.²⁵ Encontramos do mesmo modo, entretanto, o reconhecimento de uma intensa proximidade intelectual.

Sem jamais citar as similaridades entre Thompson e Polanyi, reconhecemos na análise de Grendi sobre o historiador inglês os ecos dos mesmos parâmetros que lhe pareciam heurísticamente fecundos nas conclusões do economista húngaro. Mesmo reiterando suas críticas ao “impressionismo” de *The Making*, Grendi chamava atenção para a compreensão de Thompson da transformação das “formas de vida” dos trabalhadores na Inglaterra entre os séculos XIX e XX de um modo que era “congruente com a interpretação da revolução industrial como um cataclisma” (*Introduzione*, THOMPSON, 1981, p. xiii). A interpretação de Thompson, “em chave romântico-marxista” do capitalismo industrial na Inglaterra como uma transformação cultural (THOMPSON, 1981, p. xvii) tinha certamente muito em comum com a interpretação polanyiana – mediada pelo socialismo utópico de Owen – da degradação social e cultural imposta, no mesmo contexto, pela utopia anti-social do Mercado²⁶. Arriscando um pouco, podemos afirmar que o próprio interesse de Thompson pelo Romantismo – não apenas um interesse histórico, mas principalmente moral e político que informava, de muitos modos, sua própria distância com relação a alguns aspectos do marxismo – harmonizava-se fortemente com a atenção de Grendi ao pensamento de Owen e as tradições utópicas e socialistas pré-marxistas na Inglaterra.

No perfil proposto por Grendi em 1981, ele tentava iluminar a nova atenção italiana ao trabalho de Thompson. Esta era, segundo seu julgamento, ligada a razões tanto políticas quanto históricas: seu apelo contra o reducionismo na análise histórica, sua ênfase sobre a cultura, a moralidade, a experiência, era caminhos para “reconquistar sistematicamente o protagonismo do indivíduo e do grupo, a *human agency* como ele chamava” (*Introduzione*, THOMPSON, 1981, p. xxvi-xxvii). Sua maneira de formular a ligação umbilical com o marxismo e desenvolver essa inspiração era identificada por Grendi em três aspectos centrais: 1) seu ancoramento à dimensão histórica, 2) sua perspectiva resolutamente materialista, 3) suas atenção às assimetrias sociais e políticas que fundavam suas análise cultural. Finalmente, na mesma direção, Grendi via exemplificado na pesquisa histórica de Thompson o “princípio heurístico de uma análise o mais circunstanciada possível dos comportamentos” que aliada aos princípios citados, lhe permitiram a recuperação da dimensão da experiência histórica, devolvendo assim à *moral* e à *cultura* seu lugar como *objetos históricos* (*Introduzione*, THOMPSON, 1981, p. xi).

Em 1994, no ano seguinte ao falecimento de Thompson e após a publicação de *Costumes em Comum*, Edoardo Grendi revisita a obra do historiador e militante inglês e seu significado. É um comentário que atualiza as avaliações anteriores à luz dos últimos resultados das pesquisas de Thompson sobre a cultura plebéia. Uma vez mais, Grendi chama a atenção para a força das análises de Thompson, ao colocar a experiência coletiva popular como autêntico sujeito histórico. “Seu ponto forte era, exatamente, o de estar à altura de recriar a

**E P. THOMPSON E A MICRO-HISTÓRIA:
TROCAS HISTORIOGRÁFICAS NA SEARA DA HISTÓRIA SOCIAL**

experiência do vivido sem sacrificar a preocupação pela sua base material.” (WICKHAN, 2002, p. 324).

Como nos lembra Chris Wickhan, trata-se de “um grande historiador que abraça brilhantemente em uma dúzia de páginas o trabalho de um outro” (WICKHAN, 2002, p. 324). Ao fazer isso, Grendi definia também seu próprio projeto.

Acredito, enfim, que entre os dois Eduardos há uma grande sintonia de fundo: ela começa pela distância e a recusa moral da sociedade fundada sobre a utopia anti-social do mercado. A partir daí a coerente leitura que enxerga as origens das lutas dos trabalhadores do nosso tempo a partir não dos parâmetros da economia entendida como esfera autônoma, mas a partir de seu significado social e cultural. Em seguida, a intuição original do programa de pesquisa thompsoniano: interrogar a experiência dos trabalhadores a partir do seu fazer-se. Analisar, portanto, os grupos sociais não como coisas, mas como processos.

Dois aspectos fundamentais acentuam essa confluência e o próprio sentido de reivindicar Thompson em favor da micro-história. O primeiro, aquilo que Grendi chamava de “sabedoria contextual” que era abundante nos trabalhos do historiador inglês: a atenção à composição das situações históricas singulares e a contextualização da ação social. Do mesmo modo, a escolha analítica que, colocando a si mesma em uma posição “a partir de baixo” – isto é, do ponto de vista das classes subalternas – exigia “distintas técnicas de trabalho e distintos postulados, acima de tudo, orientação valorativas que não estão dentro do processo normal da aculturação acadêmica” (*Introduzione*, THOMPSON, 1981, p. xxxiii): fontes distintas, instrumentos intelectuais distintos, distintas hierarquias de relevância. Ambas perspectivas eram fundamentais para o “pleno resgate dos sujeitos históricos”, aspecto essencial, de acordo com Grendi, “para toda vocação para a história social” (*Introduzione*, THOMPSON, 1981, p. xxxii-xxxiii).²⁷

Enfim, a forte inspiração antropológica de Thompson, assim como suas próprias tentativas de microanálise social – como em *Whigs and Hunters* ou em *Rough Music* – parecem, nesse contexto, muito coerentes com toda a proposta microanalítica. Seu apelo ao estudo das particularidades, os conflitos e mudanças menos evidentes, e, enfim, a importância fundamental dada a *ação humana* consolidam esse horizonte comum.

São confluências que explicam de muitos modos a constante atenção crítica que as propostas de Thompson continuam a receber dos historiadores ligados à micro-história. Como nos lembra Simona Cerutti, a micro-história pretendia, antes de tudo, uma radicalização da intuição original de Thompson, levando até as últimas conseqüências as implicações de uma análise processual dos grupos humanos e de suas transformações (CERUTTI, 1998, p. 173-4).

 Notas

- ¹ Este trabalho retoma algumas das análises que desenvolvi em minha tese de doutorado em História Social do Trabalho, apresentada na Universidade Estadual de Campinas em 1999 (LIMA, 1999), especialmente a parte II, capítulo I. Além disso, incorpora algumas novas questões não tratadas na tese.
- ² A referência mais importante aqui é a do trabalho do antropólogo norueguês Fredrik Barth (BARTH, 1981).
- ³ Em italiano, “Microstorie”. Esta coleção foi dirigida por Carlo Ginzburg e Giovanni Levi, e publicada pela Einaudi em Turim, entre 1981 e 1992.
- ⁴ “Por trás das minhas hipóteses estava a leitura dos ensaios de Eric Hobsbawm, do historiador marxista inglês – ambos reunidos em *Primitive Rebels* (1959) e, acima de tudo, um estudo publicado por ele em 1960 em *Società*, a revista ideológica do Partido Comunista Italiano, com o título ‘Por uma história das classes subalternas’, que ecoava um termo usado por Gramsci nos seus Cadernos do Cárcere. Para mim também, assim como para muitos outros intelectuais italiano de minha geração, a leitura dos escritos de Gramsci foi um fato decisivo. O Gramsci proposto por Hobsbawm era Gramsci lido e interpretado nos termos da antropologia social britânica.” (GINZBURG, 1993, p. 79).
- ⁵ Edoardo Grendi (1932-1999) foi um dos mais importantes historiadores relacionados ao debate sobre a micro-história na Itália. Trabalhando como professor de História Moderna e Contemporânea na Universidade de Gênova, seus temas de pesquisa eram as tradições socialistas e os movimentos dos trabalhadores na Inglaterra Vitoriana e a história social e local da República de Gênova e da Liguria (especialmente nos séculos XV-XVII). Ele fez parte do comitê editorial dos *Quaderni Storici* (Bologna, il mulino) a partir de 1970.
- ⁶ O resultado final das pesquisas de Grendi na LSE (entre 1958 e 1960) foi publicado na Itália poucos anos depois (GRENDI, 1964).
- ⁷ GRENDI, 1961, 1965 e 1970a. Sobre a influência da sociologia nas primeiras discussões de Grendi sobre o movimento operário, ver BERTA, 2002.
- ⁸ Ver a introdução de Grendi em THOMPSON, 1981. Ver também GRENDI, 1994.
- ⁹ Ver por exemplo, *Modos de Dominação e Revoluções na Inglaterra* (originalmente publicado em *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, 2-3, 1976), traduzido em português em THOMPSON, 2001, p. 203-226. Ver também THOMPSON, 1978.
- ¹⁰ “O (novo) processo de estratificação social que define a sociedade industrial, a formação de um mercado de trabalho livre” (GRENDI, 1972, p. 166).
- ¹¹ O artigo de Hobsbawm, *The Machine Breakers* (HOBSBAWM, 1964), foi também publicado na coletânea de Grendi sobre o movimento operário (GRENDI, 1973). De acordo com o julgamento de Grendi, o historiador britânico havia resgatado aquele movimento do “complô histórico e ideológico que o apresentava como uma típica manifestação de uma ação social irracional, masoquista e, no melhor dos casos, desesperada.” (GRENDI, 1973, p. xxx). Era a mesma atitude intelectual que ele identificava em outro trabalho de Hobsbawm, *Captain Swing* (com G. Rudé, London, 1969).
- ¹² Refiro-me a HOBSBAWM, 1959. Durante os anos cinquenta, Hobsbawm viajou pelos países mediterrâneos, incluindo a Itália onde, além de colher material para a escrita de *Primitive Rebels*, ele encontrou outros membros do PCI e provavelmente, através deles, o trabalho de Gramsci (KAYE, 1995, p. 146).
- ¹³ Robert Owen (1771-1858) foi um dos principais personagens o pensamento pré-Marxista na Inglaterra. Sua concepção utópica da sociedade (*A new view of society*, de 1816) dirigiu a experiência da “comunidade industrial”, uma comunidade modelo construída por ele em torno da sua fábrica em New Lanark. Owen foi um industrial (proprietário de uma indústria têxtil) e um reformador social. O encontro com sua interpretação do impacto da nova sociedade de mercado foi fundamental para o pensamento de Polanyi.

- ¹⁴ “Intrinsecamente, as condições são as mesmas. A diferença principal é que uma classe social faz parte de uma sociedade que habita a mesma área geográfica, enquanto o contato cultural ocorre usualmente entre sociedades estabelecidas em diferentes regiões geográficas. Em ambos os casos, o contato pode ter um efeito devastador sobre a parte mais fraca. Não é a exploração econômica, como muitas vezes se considera, mas a desintegração do ambiente cultural da vítima que é a causa da devastação [...]. Para o estudioso do início do capitalismo esse paralelo é altamente significativo. A condição de algumas tribos nativas na África hoje carrega uma semelhança inequívoca com aquele das classes trabalhadoras inglesas no início do século XIX”. (POLANYI, 1957, p. 157).
- ¹⁵ Os termos de comparação partem da consideração de que a “economia camponesa” (um termo “altamente vago”, mas com forte caráter heurístico) era “o verdadeiro fenômeno universal da história” (GRENDI, 1971, p. 145).
- ¹⁶ Isso estava claro, por exemplo, em sua introdução a *Antropologia econômica* (GRENDI, 1972a).
- ¹⁷ “[...] o mais formidável instrumento conceitual de destruição”, Cf. Grendi, E. *Recensione: Karl Polanyi*, cit. p. 633.
- ¹⁸ GRENDI, 1978, p. 11. Ver também: GRENDI, 1976 e GRENDI, 1978a.
- ¹⁹ As referências são: Polanyi, K; Arensberg, C & Pearson, H. W., *Trade and Market in the Early Empires*, New York: Free Press, 1957; e Polanyi, K. *Dahomey and the Slave Trade*, Washington: Washington University Press, 1968.
- ²⁰ Um exemplo disto que, segundo Grendi, era um dos limites importantes do trabalho de Polanyi, se encontrava no fato de que o pensador húngaro – pensando a economia apenas do ponto-de-vista da troca-integração – não dava o devido peso a questões centrais da economia das sociedades estudadas, como o tema da “alocação de recursos” (produção-acumulação), temas que eram, por outro lado, centrais nas análises marxistas e da economia clássica, e que permitiriam dar maior peso aos elementos de instabilidade e de desequilíbrio dos sistemas. Na leitura que Grendi propõe para o último trabalho de Polanyi, *Dahomey and the Slave Trade*, isso fica bastante evidente (GRENDI, 1978, p. 42-55).
- ²¹ Estes termos referem-se diretamente ao trabalho de Fredrik Barth (ver especialmente *Models of social organization*, em BARTH, 1981). Sobre a influência de Barth sobre a micro-história, ver ROSENTHAL, 1998; ver também LIMA, 1999.
- ²² Ver, para a antropologia, MITCHELL, 1969, BLOK, 1988 e GRIBAUDI, 1992.
- ²³ “Caracteristicamente, o historiador trabalha sobre muitos testemunhos indiretos: nessa situação o documento excepcional pode resultar excepcionalmente ‘normal’, exatamente porque revelador.” (GRENDI, 1977, p. 512). Esse termo “excepcional-normal” teve uma fortuna inesperada em algumas discussões sobre a *microstoria*, especialmente em ligação com a discussão de Ginzburg sobre o “paradigma indiciário” (do qual parece ser um corolário). Mas é preciso notar que essa fortuna é desproporcional ao lugar que teve nos trabalhos e discussões de Grendi, bem como em suas formulações sobre a microanálise: a referência ao documento excepcional diz respeito à idéia de que um comportamento generalizado e considerado inteiramente normal, muitas vezes não é documentado exatamente por sua condição de “normalidade”: um documento que o registre acabaria por ter um caráter “excepcional-normal”.
- ²⁴ Os 8 ensaios são: *Time, Work-Discipline and Industrial Capitalism*, *The Moral Economy of the English Crowd in the XVIIIth Century* (ambos originalmente publicados em *Past and Present*, em 1967 e 1971), *Rough Music: the English Charivari* (*Annales ESC*, 1972), *The Crime of Anonymity* (publicado em *Albion's Fatal Tree* em 1975), *Anthropology and the Discipline of the Historical Context* (*Midland History*, 1972), *Patrician Society, Plebeian Culture* (*Journal of Social History*, 1974), *Folklore, Anthropology and Social History* (*The Indian Historical Review*, 1978), e *Eighteenth Century English Society: class struggle without class?* (*Social History*).

- ²⁵ A relação de Thompson com os conceitos marxistas atravessa todo seu trabalho. Ela pode ser resumida, entretanto, em sua afirmação em *Agenda of Radical History*, onde, citando as categorias marxistas de classe, ideologia e modo de produção, considerava-as “conceitos difíceis, mas ainda criativos” (THOMPSON, 1993, p. 361).
- ²⁶ De todo modo, a familiaridade de Thompson com o “substantivismo econômico” de Polanyi pode ser intuída pela referência feita em 1966 aos “estudos antropológicos das sociedades camponesas e tribais” feitos por Paul Bohannan e George Dalton (dois “polanianos” – seu trabalho era *Markets in Africa*), cf. *History from below, The Times Literary Supplement*, 07/april/1966, agora em THOMPSON, 2001, p. 194.
- ²⁷ “Nesse sentido” – escreve Grendi algumas linhas adiante – “tomar distância dos valores sociais correntes é perfeitamente complementar à inspiração autêntica do historiador social” (*Introduzione*, THOMPSON, 1981, p. xxxiii).

Referências

- BARTH, Fredrik. *Process and Form in Social Life. Selected Essays of Fredrik Barth*, v. I. London: Routledge & Kegan Paul. 1981.
- BERTA, Giuseppe. Una prospettiva per la storia del movimento operaio: Edoardo Grendi e il laburismo. *Quaderni Storici*, n. 110, a. XXXVII(2) (Dodici ricerche in ricordo di Edoardo Grendi), p. 553-561.
- BLOK, Anton, *La mafia di un villaggio siciliano, 1860-1985*. Microstorie 13, Torino: Einaudi, 1986.
- CERUTTI, Simona. *Mestieri e privilegi. Nascita delle corporazioni a Torino secoli XVII-XVIII*. Torino: Einaudi, 1992.
- CERUTTI, Simona. Processo e experiência: indivíduos, grupos e identidades em Turim no século XVIII. In REVEL, J. (org.) *Jogos de escalas. A experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1998, p. 173-201.
- GINZBURG, Carlo. Witches and Shamans. *New Left Review*, 200, July/August 1993, p. 75-85.
- GINZBURG, Carlo & PONI, Carlo. O nome e o como. Troca desigual e mercado historiográfico. In *Micro-história e outros ensaios*. Lisboa/Rio de Janeiro: DIFEL/Bertrand Brasil, 1989, pp. 169-178.
- GRENDI, Edoardo. Cartismo e storia sociale: rassegna di studi recenti. *Annali del Istituto Giangiacomo Feltrinelli*, anno quarto, 1961, pp. 655-679.
- GRENDI, Edoardo. *L'avvento del laburismo. Il movimento operaio inglese dal 1880 al 1920*. Milano: Feltrinelli, 1964.
- GRENDI, E. Recensione: E. P. Thompson, *Rivoluzione industriale e classe operaia in Inghilterra*, Milano, Il Saggiatore, 1969; J.F.C. Harrison, 'Robert Owen and the Owenites in Britain and America', Londra, 1969. *Rivista Storica Italiana*, LXXXII (3), 1970, pp. 982-990.
- GRENDI, E. Recensione: H. J. Dyos (a cura di), *The Study of Urban History*, Londra, 1968 – M. Couturier, *Recherches sur les structures sociales de Châteaudun: 1525-1789*, Paris: 1969. *Rivista Storica Italiana*, LXXXII (3), 1970a, p. 758-765.

- GRENDI, E. *Sulla teoria dei sistemi e delle forme economiche. Marxismo, storia, antropologia*. Torino: G. Giappichelli, 1971.
- GRENDI, E. Per una prospettiva per la storia del movimento operaio. *Quaderni Storici* n. 20, a. VII (2), 1972, p. 164-179.
- GRENDI, E. (a cura di) *Antropologia economica*. Torino: Einaudi, 1972a.
- GRENDI, E. *L'origine del movimento operaio inglese 1815-1848. Documenti e testi critici*. Bari: Laterza, 1973.
- GRENDI, E. *L'Inghilterra vittoriana*. Firenze: Sansoni, 1975.
- GRENDI, E. Recensione: Karl Polanyi, *La grande trasformazione: le origini economiche e politiche della nostra epoca*, Torino, Einaudi, 1974. *Rivista Storica Italiana*, v. LXXXVIII (3), sett. 1976,
- GRENDI, E. Microanalisi e storia sociale. *Quaderni Storici*, n. 35, a. XII (2) 1977, p. 506-520.
- GRENDI, E. Polanyi. *Dall'antropologia alla microanalisi storica*. Milano: Etas Libri, 1978.
- GRENDI, E. Forme di mercato: l'analisi storica. In Aa. Vv. *Il mondo contemporaneo*. v. VIII. Economia e Storia, Tomo I, Firenze: La Nuova Italia, 1978a, p. 261-274.
- GRENDI, E. La Bourgeoisie parisienne de 1815 à 1848 di A. Daumard, *Studi Storici*, VI (3), 1965, p. 562-567.
- GRENDI, Edoardo & Bianco, Gino *La tradizione socialista in Inghilterra. Antologia di testi politici 1820-1852*, Torino: Einaudi, 1970.
- GRENDI, Edoardo. E. P. Thompson e la cultura plebea. *Quaderni Storici*, n. 85, a. XXIX, 1, 1994, pp. 235-247.
- GRENDI, Edoardo. Repensar a micro-história?. In REVEL, J. (org.) *Jogos de escalas. A experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1998, p. 251-262.
- GRIBAUDI, Gabriella. *Mediatori. Antropologia del potere democristiano nel Mezzogiorno*, Torino: Rosenberg & Sellier, 1980.
- GRIBAUDI, Gabriella. La metafora della rete. Individuo e contesto sociale. *Meridiana*, n. 15, 1992, p. 91-128.
- GRIBAUDI, Maurizio. *Mondo operaio e mito operario. Spazi e percorsi sociali a Torino nel primo Novecento*. Torino: Einaudi, 1987.
- HARRISON, John F. C. *Quest for the New Moral World. Robert Owen & the Owenites in Britain and America*. New York: Charles Scribner's Sons, 1969.
- HOBSBAWM, Eric. *Primitive Rebels*. New York F. A. Praeger, 1959.
- HOBSBAWM, Eric. *Labouring Men: Studies in the history of labour*. London: Weidenfeld & Nicolson, 1964.
- KEY, Harvey J. *The British Marxist Historians*. New York: St. Martin's Press, 1995 (1984).
- LEVI, Giovanni. *Herança Imaterial. Carreira de um exorcista no Piemonte do século XVII*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

- LIMA, Henrique Espada. *Microstoria: escalas, indícios, singularidades*. Tese de Doutorado. Campinas: UNICAMP, 1999.
- MITCHELL, J. Clyde, The concept and use of social networks, In Mitchell, J.C., org. *Social Networks in Urban Situations*, Manchester: Manchester University Press, 1969
- POLANYI, K. *The Great Transformation. The political and economic origins of our time*. Boston: Beacon Press, 1957 (1944).
- POLANYI, K. *Dahomey and the Slave Trade*, Washington: Washington University Press, 1968.
- POLANYI, K; ARENSBERG, C. & PEARSON, H. W. *Trade and Market in the Early Empires*. New York: Free Press, 1957.
- RAMELLA, Franco. *Terra e telai. Sistemi di parentela e manifattura nel Biellese Del Cinquecento*. Microstorie, 8. Torino: Einaudi, 1984.
- REVEL, Jacques (ed.). *Jogos de escala. A experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998 (1996).
- ROSENTHAL, Paul-André, Construir o “macro” pelo “micro”: Fredrik Barth e a “microstoria”. In REVEL, J. *Jogos de escala. A experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998, p. 121-150.
- SEWELL Jr., William H. How Classes are Made: Critical Reflections on E. P. Thompson’s Theory of a Working-class Public, 1780-1850. In Kaye, H. J. & McClelland (ed.), *E. P. Thompson. Critical Perspectives*. Philadelphia: Temple University Press, 1990, p. 50-77.
- THOMPSON, Edward Palmer. *The Making of the English Working Class*. New York: Vintage Books, 1966.
- THOMPSON, Edward Palmer. *The poverty of theory and other essays*. New York: Monthly Review Press, 1978.
- THOMPSON, Edward Palmer. *Società patrizia e cultura plebea Otto saggi di antropologia storica sull’Inghilterra del Settecento*. Microstorie, 2. Introduzione di Edoardo Grendi. Torino: Einaudi, 1981.
- THOMPSON, Edward Palmer. *Customs in Common. Studies in Traditional Popular Culture*. New York: The New Press, 1993.
- THOMPSON, Edward Palmer. *Witness against the Beast. William Blake and the Moral Law*. New York: The New Press, 1993a.
- THOMPSON, Edward Palmer. *Making History. Writings on History and Culture*. New York: The New Press, 1994.
- THOMPSON, Edward Palmer. *As peculiaridades dos ingleses e outros artigos*. (organização de Antônio L. Negro e Sérgio Silva). Campinas: Editora da Unicamp, 2001.
- WICKHAM, Chris. Edoardo Grendi e la cultura materiale. *Quaderni Storici*, n. 110, a. XXXVII (2) (Dodici ricerche in ricordo di Edoardo Grendi), p. 323-332.